



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RAFAELA BARBOSA SANTOS**

**CARTOGRAFIAS DA SUBJETIVIDADE, SAÚDE MENTAL E APRENDIZAGEM  
DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS III DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**GUARABIRA-PB**

**2023**

RAFAELA BARBOSA SANTOS

**CARTOGRAFIAS DA SUBJETIVIDADE, SAÚDE MENTAL E APRENDIZAGEM  
DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS III DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado a Coordenação/Departamento do  
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Psicologia e  
Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ma. Joana Dar'k Costa - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**GUARABIRA-PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Rafaela Barbosa.

Cartografias da subjetividade, saúde mental e aprendizagem dos estudantes do curso de Pedagogia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba [manuscrito] / Rafaela Barbosa Santos. - 2023. 47 p.: il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Ma. Joana Dar'K Costa, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Aprendizagem. 2. Estudante. 3. Subjetividade. 4. Pandemia. I. Título

21. ed. CDD 150.194

RAFAELA BARBOSA SANTOS

**CARTOGRAFIAS DA SUBJETIVIDADE, SAÚDE MENTAL E APRENDIZAGEM  
DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS III DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

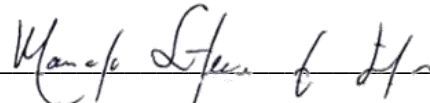
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado a Coordenação/Departamento do  
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção  
do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 28/06/2023.

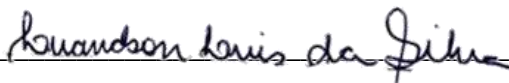
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup>. Ma. Joana Dar'k Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva (Examinador 1)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luandson Luis da Silva (Examinador 2)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mãe,

Eu te dedico a minha conquista, por  
ter sido a minha fortaleza em todo  
percurso da minha vida acadêmica  
não me deixando desistir.

Nos dias de estudo, cansaço e medo  
você sempre permaneceu ao meu lado  
dando apoio e reafirmando com palavras e gestos  
de carinho: “Em tudo estou com você”.  
Minha eterna gratidão!

## AGRADECIMENTOS

A Deus e sua complexidade (Universo), que sempre me fortaleceu nos momentos difíceis e não me deixou desistir, durante os dias de estudo, muitas vezes em meio ao desespero, onde a incerteza era o único sentimento, sua presença me acolhia, acalmava meu eu e alertava em tom doce sobre a dor necessária que é crescer. A ti minha eterna gratidão.

A minha amada Mãe Audenisia Barbosa, que sempre acreditou em mim e se realiza com as minhas conquistas. Ela que muito contribuiu trabalhando incansavelmente para me ajudar manter-se financeiramente na cidade do Campus (fruto de muita garra), para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Meu maior sinônimo de força, amor e perseverança. És meu maior orgulho.

A minha vó Ozinete, que sempre orou por mim e sarou minhas feridas. A sua fé nunca me deixou cair ou temer aos desafios.

Ao meu padrasto, Francisco que abraçou uma grande ausência na minha vida, me ensinou valores, a virtude da humildade e cuja sabedoria se assemelha a muitos autores que a que li na graduação.

A minha tia Maria, que me mostrou que a bondade existe, que ter paz de espírito é essencial para viver em harmonia nesse mundo. Obrigada por cada esforço seu e abraços apertados.

Ao meu namorado Jonathan, por sempre aplaudir minhas conquistas, apoiar cada desafio enfrentado no curso, incentivar meus estudos de maneira amorosa e prestativa. Você foi minha maior surpresa e lar nesse processo. A ti que me impulsiona, me fortalece e me enche de vida, minha gratidão.

As minhas irmãs e primas, por toda demonstração de amor e pelo suporte durante esse percurso no Curso de Pedagogia. Sempre acreditaram que tudo daria certo e que eu conseguiria chegar ao final dessa caminhada. Vocês fazem parte dessa minha conquista e serão as próximas graduandas da nossa família. Nós podemos.

Ao meu grupo de amigos de Cuité-PB por me ensinar que amizade vai muito além de rolês, deixando claro que a família ultrapassa sangue, indiferenças, classe social e vaidades. Com vocês aprendi o verdadeiro sentido de amizade, gratidão infinita por abraçar minhas imperfeições e gritar bem alto cada conquista minha. Essa é nossa.

A minha orientadora, Joana Dar'k Costa, por ter mergulhado comigo na realização deste estudo e também por acreditar e me incentivar durante toda a graduação e trajeto até conclusão desse Curso. Eu te agradeço pela amizade, dedicação, paciência e todo apoio

demonstrado enquanto professora-orientadora. A você minha imensa gratidão por cada aprendizagem e por me apresentar a minha segunda paixão acadêmica e um sonho futuro como profissional: a Psicologia. És meu exemplo de professora e ao seu lado pude acreditar que esperar na educação é necessário e possível.

Ao Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva, que nos anos de convivência como orientador de PIBIC muito me ensinou, profissionalmente enquanto aluna pesquisadora sempre incentivando olhar pela fresta da janela dos acontecimentos, da vida e das relações, enfatizando a importância de um olhar/saber crítico, investigativo, humano e criativo. Gratidão por tantos ensinamentos, por me ouvir e acolher. Contigo aprendi a enxergar a beleza do fluxo da vida e da impermanência.

Agradecimento carinhoso ao Prof. Me. Luandson Luis da Silva e a Prof. Me. Thayana Priscila Domingos da Silva, pelos ricos momentos nessa minha trajetória acadêmica. Vocês me trouxeram o incentivo necessário e as palavras positivas que potencializaram meu desempenho e determinação. Frases inesquecíveis como: o “Você vai longe”, “aluna nota 10 e dedicada”, foram essenciais para impulsionar essa travessia. Obrigada.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde Trabalho (GEPIEST) e todos os envolvidos, que me proporcionaram momentos incríveis de coletividade, empatia e novas aprendizagens. Essa experiência é única e ajudou a potencializar minha autoconfiança, capacidade de observação (enquanto pesquisadora) e principalmente aprender a sensibilidade e riqueza de olhar/enxergar o outro. Em especial Elizeu e Nathália que sempre se fizeram presente com palavras de incentivo e de orgulho com meus estudos, desde minha ingresso na graduação.

Aos meus colegas por tudo que passamos juntos, momentos difíceis e de conquistas que contribuíram para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Ao público-alvo desta pesquisa que dispensaram atenção e disponibilidade ao responder as perguntas em entrevista, tornando possível este trabalho.

À banca examinadora, pelo convite aceito para avaliação do presente trabalho, o Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva e Prof. Me. Luandson Luis da Silva, docentes que contribuíram de forma valiosa em meu processo acadêmico.

Ao corpo docente do curso Licenciatura em Pedagogia que, com muita paciência e dedicação, ensinaram-me não somente o conteúdo programado, mas também o sentido da amizade e do respeito. Minha gratidão!

“O que a gente tem que aprender é,  
a cada instante, afinar-se como uma linhazinha  
para saber passar no furo de agulha  
que cada momento exige”.

Guimarães Rosa



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre subjetividade, saúde mental e a aprendizagem dos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, no período das aulas remotas 2020/2021. A pretensão foi cartografar os sentimentos, comportamentos e percepções dos alunos/alunas em relação ao contexto pandêmico e as implicações na saúde e no processo de aprendizagem. Como aporte teórico principal recorremos às contribuições de Lev Vygotsky, teórico da linha sociointeracionista que se debruçou sobre o desenvolvimento humano e a aprendizagem como processo biopsicossocial. Recorremos também às produções teóricas do psiquiatra francês Christophe Dejours, mais especificamente acerca da concepção de saúde mental e de sofrimento psíquico. Como perspectiva metodológica, utilizamos entrevistas individuais de caráter semiestruturado. Participaram da pesquisa, 50 estudantes do Curso de Pedagogia do Campus III da UEPB. Na análise dos dados, identificamos que a pandemia teve implicações na saúde dos estudantes cujos relatos remontam a sofrimento psíquico, crises de ansiedade, insegurança e medo da morte. Essas vivências de sofrimento e sintomas tiveram interferência negativa no processo de ensino-aprendizagem. Houve dificuldades também no processo de adaptação ao ensino remoto. As principais queixas apresentadas foram: desmotivação nas aulas on-line, dificuldades de concentração, sobrecarga de atividades (gerando sentimento de impotência), monotonia nas aulas virtuais e falta de interação com os colegas e professores/as. Por outro lado, os/as entrevistados/as sinalizam que estudar no período pandêmico, ajudou a superar o cenário caótico, de forma que buscavam tirar o foco do sofrimento psíquico canalizando as energias psíquicas para as atividades acadêmicas.

**Palavras chave:** Aprendizagem; Estudante; Subjetividade; Pandemia.

## ABSTRACT

The present study aims to analyze the relationship between subjectivity, mental health, and the learning of students in the Pedagogy course at Campus III of the State University of Paraíba, during the remote classes period of 2020/2021. The intention was to map the feelings, behaviors, and perceptions of students regarding the pandemic context and its implications on health and the learning process. As the main theoretical foundation, we relied on the contributions of Lev Vygotsky, a sociointeractionist theorist who focused on human development and learning as a biopsychosocial process. We also drew upon the theoretical works of French psychiatrist Christophe Dejours, specifically regarding the conception of mental health and psychic suffering. As a methodological perspective, we conducted individual semi-structured interviews. The research involved 50 students from the Pedagogy course at Campus III of UEPB. In the data analysis, we identified that the pandemic had implications on the student's health, with reports of psychological suffering, anxiety crises, insecurity, and fear of death. These experiences of suffering and symptoms had a negative impact on the teaching-learning process. There were also difficulties in adapting to remote learning. The main complaints presented were: lack of motivation in online classes, difficulties in concentration, overload of activities (generating a sense of helplessness), monotony in virtual classes, and lack of interaction with peers and professors. On the other hand, the participants indicated that studying during the pandemic period helped them overcome the chaotic scenario, as they sought to shift their focus from psychological suffering to academic activities.

**Keywords:** Learning; Student; Subjectivity; Pandemic.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Análise de Campo .....	32
<b>Tabela 2</b> - Quantidade de entrevistados(as) de cada Cidade .....	33
<b>Tabela 3</b> - Relação de quantidade de discentes entrevistados por cada período .....	34

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Composição da amostra em porcentagem 2021.....	33
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PB – Paraíba

COVID-19 – Doença do coronavírus

PIBIC – Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica

SAPPEP – Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante

SARS-COV-2 – Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UNICAMP – Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2. SUBJETIVIDADE, SAÚDE E EDUCAÇÃO: “APRENDER É INVENTAR OUTRAS PRÁTICAS, FAZER NOVAS DOBRAS DO MUNDO”</b> .....	19
2.1 Desenvolvimento e Aprendizagem na perspectiva sociointeracionista: As contribuições de Lev Vygotsky .....	19
2.2 Aprendizagem em Tela: Estudar no contexto pandêmico .....	21
2.3 Saúde: Liberdade de ser e de construir novos modos de viver. ....	23
<b>3 O CAMINHO PERCORRIDO</b> .....	31
3.1 Perspectiva metodológica .....	31
<b>4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS</b> .....	35
4.1 Os desafios de aprender no ensino remoto: as vivências dos discentes de Pedagogia ...	35
4.2 Saúde Mental dos Estudantes durante a Pandemia: “Dá Licença, mas eu vou sair do sério quero mais Saúde” .....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

A pandemia da covid-19, provocada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), não poupou nenhuma etnia, cultura, classe social e nenhum setor como a saúde, o trabalho, a economia ou educação. No Brasil os dados atualizados registram 703.399<sup>1</sup> mil mortos. O contexto pandêmico mudou de forma inesperada, os modos de viver dos seres humanos em escala mundial. Novos modos de vida foram se construindo em meio a um contexto socioeconômico caótico e devastador. Novas demandas foram geradas nas dimensões físico-motora, afetivo-emocional e social. Demandas que em alguns momentos, pareciam inadequadas às características e aos limites humanos.

As transformações ocorridas também produziram impactos no setor educacional. A educação nessa atual conjuntura foi alvo de discussões e reflexões ultrapassando as fronteiras que separam diferentes campos do saber, abrindo espaços para debates multidisciplinares. A educação foi afetada de forma abrupta, inclusive na essência do processo de ensino e aprendizagem, exigindo de todos que participaram desse processo, a reflexão e construção de novas metodologias e estratégias que favorecessem a produção do conhecimento em um período de isolamento e/ou distanciamento social.

Nessa conjuntura educacional marcada em um primeiro momento por uma suspensão brusca das aulas e a retomada posteriormente com o formato online, começamos a pensar em relação à subjetividade dos alunos/alunas e dos desafios que precisariam enfrentar para continuarem com as atividades acadêmicas. Quais seriam os temores, motivações, sentimentos, comportamentos e percepções dos estudantes do Curso de Pedagogia do Centro de Humanidades Campus III da UEPB em relação aos desafios pedagógicos durante a pandemia?

Nosso interesse por essa temática foi se intensificando nos primeiros meses de aulas remotas a partir dos relatos dos alunos/alunas no decorrer das atividades. Neste sentido, observamos uma certa apreensão e sofrimento psíquico no cotidiano das aulas no formato remoto. Eles/as apresentavam um conjunto de queixas dentre as quais destacamos: crises de ansiedade, medo da pandemia, medo da família adoecer, dificuldades em conviver com a possibilidade real de uma morte de um ente querido.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 10 de junho de 2023.

As demandas apresentadas e o sofrimento psíquico presente nas narrativas dos estudantes, ratificaram o interesse de fazer uma investigação sistematizada desse momento histórico da educação, contribuindo para ampliar e aprofundar os conhecimentos produzidos acerca da relação entre subjetividade, saúde mental e o processo ensino-aprendizagem. Portanto, justificamos a importância deste estudo cujo objetivo geral é analisar a relação entre subjetividade, saúde mental e o processo ensino aprendizagem dos discentes do Curso de Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, no período das aulas remotas 2020/2021. A pretensão foi conhecer as vivências subjetivas dos alunos(as): o sofrimento psíquico, estratégias de enfrentamento, reinvenções, sentimentos, emoções, motivações, percepções e suas implicações na produção de conhecimento e prática pedagógica no período de suspensão das aulas presenciais e implementação das atividades remotas na UEPB.

Deste modo elegemos como objetivos específicos identificar as fontes de sofrimento psíquico vivenciadas pelos/as alunos/as do curso de pedagogia do Campus III da UEPB, no desenvolvimento das atividades remotas síncronas e assíncronas no período da pandemia; identificar os sentimentos, comportamentos e percepções dos alunos(as) em relação ao contexto pandêmico e as implicações na subjetividade, saúde mental e no processo ensino-aprendizagem e identificar as fontes de prazer vivenciados pelos estudantes de Pedagogia no processo de aprendizagem durante o ensino remoto no período de distanciamento social.

Esse trabalho teve início com a nossa participação como bolsista no Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica – PIBIC/2021/2022 que teve como título: “Cartografias dos Afetos e da Aprendizagem em Tempos de COVID-19: Uma Análise das Vivências Subjetivas dos Estudantes do Curso de Pedagogia do Campus II da Universidade Estadual da Paraíba”. Após a finalização do PIBIC surgiu o interesse de aprofundar a temática estudada no trabalho de conclusão de curso.

Como aportes teóricos, nesse estudo recorreremos às contribuições do teórico da Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem Lev Vygotsky (1999) que em sua abordagem enfoca o desenvolvimento humano e a aprendizagem como fruto da relação sujeito e o contexto histórico-cultural. A aprendizagem para Vygotsky é um fenômeno que se desenvolve a partir de um processo biopsicossocial, portanto, tem como fio condutor a indissociabilidade das dimensões afetiva-motora-cognitiva-social. Também recorreremos às contribuições do psiquiatra francês Christophe Dejours (2012) em relação à concepção de



saúde mental e de sofrimento psíquico. Em suas análises sobre a saúde mental no trabalho, o referido teórico defende que o sofrimento psíquico é inerente ao processo de confronto identitário com as situações de trabalho (no caso específico dos alunos: as atividades inerentes a vida acadêmica) e nem sempre será necessariamente patogênico, podendo também ser fonte de saúde e desenvolvimento psíquico. Dito de outro modo, o sofrimento pode ser subvertido, canalizado para um sofrimento criativo, que consiste na elaboração (por parte do sujeito) de soluções originais diante dos desafios da vida, favorecendo a saúde mental.

Em relação aos procedimentos metodológicos, optamos por um trabalho de cunho qualitativo por assim entendermos que a perspectiva metodológica é definida em função do campo temático de estudo, se constitui como uma pesquisa de campo que tem como método a fenomenologia. Para operacionalização desta pesquisa, utilizamos entrevistas individuais de caráter semiestruturado a partir de um roteiro previamente elaborado, com alunos/alunas do Curso de Pedagogia do Campus III na cidade de Guarabira-PB. Tendo como base o princípio de saturação, o estudo teve o total de 50 estudantes participantes da pesquisa, de diferentes períodos.

Na perspectiva de alcançar os objetivos traçados, o trabalho aqui apresentado se desdobra em três capítulos: no primeiro capítulo temos uma apresentação dos aportes teóricos que fundamentaram esse estudo. Inicialmente apresentamos as concepções de Lev Vygotsky (1999) sobre o processo ensino-aprendizagem. Em seguida uma apresentação dos conceitos de saúde e de sofrimento psíquico a partir de Dejours (1986, 2012) e Canguilhem (2005, 2006). E para finalizar apresentamos uma breve revisão bibliográfica de estudos relacionados ao tema saúde mental de estudantes universitários que muito contribuíram para ampliar os conhecimentos e perceber a relevância que essa temática comporta.

No segundo capítulo, temos a perspectiva metodológica que norteou este estudo, apresentando o percurso adotado durante a fase de trabalho de campo e da forma como os dados foram coletados e analisados.

No terceiro capítulo, abordamos as análises e discussões dos dados coletados durante a pesquisa de campo realizada. Através dos relatos dos/das participantes, buscamos identificar quais situações foram percebidas como fontes de sofrimento psíquico e/ou prazer no processo de aprendizagem. Dessa forma, obtivemos uma compreensão mais aprofundada dos aspectos subjetivos vivenciados pelos estudantes durante o período de ensino remoto.

A partir dessa análise e reflexões realizadas, esperamos contribuir para uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pelos estudantes de Pedagogia durante o período de ensino remoto, destacando a importância de abordar a saúde mental e o bem-estar dos alunos como aspectos essenciais ao processo de ensino-aprendizagem.

## **2. SUBJETIVIDADE, SAÚDE E EDUCAÇÃO: “APRENDER É INVENTAR OUTRAS PRÁTICAS, FAZER NOVAS DOBRAS DO MUNDO”**

### **2.1 Desenvolvimento e Aprendizagem na perspectiva sociointeracionista: As contribuições de Lev Vygotsky**

A produção do conhecimento em psicologia, nas primeiras décadas do século XX foi atravessada pelo surgimento de novas abordagens teóricas que buscavam romper com paradigmas existentes propondo novas explicações para o processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

É nesse contexto que Lev Seminovich Vygotsky (1896 – 1934) e seus colaboradores (Luria e Leontiev), baseados nos princípios do materialismo dialético, procuraram construir uma “nova psicologia” de caráter sociointeracionista, com o objetivo de integrar, numa mesma perspectiva, o ser humano enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e cultural (OLIVEIRA, 1997).

A abordagem sócio interacionista de Vygotsky tem como ideia central o estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que constituem o modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como: a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação, linguagem dentre outras. Esses processos mentais, conforme ressalta Rego (2001) são considerados sofisticados e superiores porque se referem a mecanismos intencionais, ações controladas pela consciência, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente.

Esses processos, no entanto, não são inatos, eles se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento. Diferem, assim, dos processos psicológicos elementares (presentes nas crianças pequenas e nos animais), tais como, reações automáticas, ações reflexas e associações simples, que são de origem biológica

Desse modo, Vygotsky (1999) em sua abordagem Histórico-cultural enfatiza a importância da relação social na construção do sujeito. Em sua percepção o ser humano transforma a natureza e com esse processo modifica a si mesmo, construindo cultura e civilizações. Em outras palavras, o teórico afirma que a convivência em um meio social, destaca-se como fator essencial para o desenvolvimento humano, pois é no processo de interação com o ambiente social que as funções psicológicas vão se transformando e o

indivíduo de forma progressiva adquire um melhor domínio dos significados culturais e um avanço na capacidade de raciocínio, uso dos signos e ação sobre o meio.

A sua abordagem teórica compreende o desenvolvimento da vida como um fator que é iniciado desde seu nascimento, e que ocorre durante todo o ciclo no processo de apropriar-se do mundo em sua volta. O que enfatiza uma condição insigne do ser humano, ser de linguagem, consciência e atividade, transformando-se de biológico em sócio-histórico (VYGOTSKY, 1999).

Oliveira (1997) apresenta três pressupostos que fundamentam a teoria sociointeracionista. Para a autora, Vygotsky trabalha com uma concepção materialista, na qual as funções psicológicas estão baseadas no funcionamento cerebral. O cérebro é visto como órgão principal da atividade mental. Caracteriza-se como um sistema aberto de grande plasticidade, cujo funcionamento vai sendo moldado ao longo da história da espécie.

Um segundo pressuposto está ligado a ideia de que o fundamento psicológico humano é sócio-histórico. Quer dizer se, por um lado o indivíduo funciona como um organismo biológico, por outro a espécie humana só funciona inserida num contexto social. Os conteúdos psicológicos, a matéria do funcionamento psicológico humano, são dados pelo contato do homem com a cultura pela sua interação com o meio em que está inserido.

Portanto, na visão da autora, o desenvolvimento cognitivo é o processo de assimilação e “apropriação” da experiência acumulada pela humanidade no decurso da história social. É um processo de reconstrução individual do material recebido de fora: aquilo que é inicialmente intersíquico passa a ser intrapsíquico. Mas esse processo não se dá de forma harmônica, para Vygotsky, a interação do indivíduo com o meio cultural é atravessado por conflitos e crises, onde a contradição revela-se como parte integrante e fundamental no processo de constituição das pessoas e das situações.

Para Oliveira (1997) o indivíduo não absorve passivamente a informação dada pelo contexto cultural. Na verdade, ele negocia: é como se ele fosse um ator na cultura, que funciona como uma espécie de “palco de negociações” constantes. Isso porque a cultura também não é estática, está em constante movimento e transformação que resulta da ação dos indivíduos. Por último, a autora realça como terceiro pressuposto a questão da mediação simbólica, conforme o próprio Vygotsky defende o funcionamento psicológico humano é mediado, isto é, não é direto. Enquanto sujeito do conhecimento, o ser humano não tem acesso direto aos objetos, seu acesso é mediado por significados e por símbolos que carregam seus significados.

Com o auxílio dos signos, pode-se controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações. Conforme sinaliza Oliveira (1997) os sistemas simbólicos e, particularmente, a língua exerce um papel fundamental na comunicação entre os sujeitos e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações de objetos, eventos e situações reais. Na ausência de um sistema de signo compartilhado e articulado, como a língua humana, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado é possível.

## **2.2 Aprendizagem em Tela: Estudar no contexto pandêmico**

Analisando a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky sinaliza que a aprendizagem é motora do processo de desenvolvimento humano. Então, para haver desenvolvimento, isto é, a passagem pela trajetória que vai do recém-nascido ao ser humano adulto, existirá aprendizagem, ou seja, a transformação do sujeito a partir de sua interação com o meio em que está inserido. É nesse contexto, que o conceito de zona de desenvolvimento proximal é essencial na teoria de Vygotsky (REGO, 2003).

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre aquilo que já foi conquistado, que está consolidado no desenvolvimento do sujeito (nível de desenvolvimento real), e aquilo que está por vir (nível de desenvolvimento potencial). Esta zona define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em estado embrionário, em processo de maturação, o qual pode ser facilitado através de um processo de aprendizagem adequado.

Conforme ressalta Rego (2003) Vygotsky é enfático ao afirmar que o único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Assim para compreender o desenvolvimento em situações de aprendizagem, é necessário olhar para o futuro, para aquilo que está por vir. O interessante é captar esse momento de transição, que é justamente a zona de desenvolvimento proximal, desse processo resulta a importância da intervenção pedagógica na teoria vigotskiana.

Continuando a autora diz que no cotidiano escolar, a intervenção nas zonas de desenvolvimento proximal é de responsabilidade (ainda que não exclusiva) do professor, uma vez que dotado de maior experiência, informações e com o objetivo, entre outras coisas, de tornar acessível ao aluno o patrimônio cultural construído pelos homens, ocupa uma posição privilegiada que permite atuar como mediador das interações entre os alunos e das crianças com os objetos de conhecimento.

Vygotsky (2007) ao enfatizar a relação desenvolvimento e aprendizagem, destaca a importância das práticas educacionais como ponto crucial para impulsionar o desenvolvimento humano. As relações que são estabelecidas durante o processo de aprendizagem em um ambiente escolar (nesse estudo o ambiente acadêmico) também são de extrema importância.

Então, o processo educativo acontecendo a partir da interação social é um fator essencial, pois é no espaço simbólico que ocorre um avanço no desenvolvimento psicológico, na relação aluno-aluno, professor-aluno. Dessa forma, entende-se a necessidade da participação ativa dos alunos e professores em um ambiente que possibilite esse diálogo de forma expressiva e criativa, respeitando as atividades discursivas do aluno e sua singularidade.

Em sua obra Educação e Escola, Eizirik, (2001, p.67) traz reflexões a respeito da escola como instância social e institucional que vive profundas rupturas em seu processo, vivendo em transição ao procurar se apropriar dos novos códigos e sinais do tempo, também se renova na velocidade em que a história da humanidade também se transforma.

Diante das questões apresentadas anteriormente em relação ao desenvolvimento cognitivo e ao processo ensino-aprendizagem, podemos refletir acerca do processo de ensinar e aprender durante o ensino remoto, no período da pandemia da COVID-19, quando houve uma mudança repentina do espaço da sala de aula e do fazer pedagógico. Nesse estudo em que enfocamos o ensino superior, vimos que o processo de adaptação foi atravessado por inúmeros desafios e percalços que tiveram implicações na subjetividade, saúde e na aprendizagem dos estudantes, no caso específico desse trabalho, os estudantes do Curso de Pedagogia da UEPB/CAMPUS III.

Compreender os novos modos de ensinar e aprender em um espaço virtual e as mudanças que produziram na subjetividade dos discentes é um dos objetivos desse estudo, tendo em vista que as exigências e demandas que surgiram com as mudanças do ensino presencial para o remoto demandaram novas capacidades e funções psíquicas abrindo espaço para criação de novos modos de ser e de aprender. A esse respeito Pasqualini (2016), à luz Vygotsky ressalta que na aprendizagem o acúmulo de conquistas psíquicas vai produzindo internamente a necessidade de rupturas e mudanças induzindo a uma reestruturação da forma de ser e agir no mundo em que vive. Deste modo, cada salto qualitativo no desenvolvimento psíquico, representa uma mudança de atividade social do indivíduo e a reestruturação de sua consciência.

Assim, com base na abordagem sociointeracionista, percebemos o sujeito como parte ativa da sociedade, do meio cultural e de seu processo de aprendizagem. O sujeito evolui gradativamente da sua percepção simples de ver o mundo e se apropria da forma mais elaborada de sua realidade, que se adapta ao novo nesse processo transitório que é aprender. Neste sentido, destacamos a importância dessa abordagem da psicologia vigotskiana na compreensão do processo educacional e assim refletirmos sobre as melhores estratégias de ensino e aprendizagem. “A educação, portanto, é algo para acontecer no espaço artesanal que existe na relação professor-aluno, muito além dela. Conhecer é coisa do corpo inteiro. Ocorre de várias formas e em diversos níveis”. (EIZIRIK, 2001, p.69)

Conforme sinaliza a teoria de Vygotsky (1999) a aprendizagem é um fenômeno biopsicossocial que mobiliza corpo, mente, afeto e as condições sociais. No ato de aprender, os indivíduos mobilizam a capacidade criativa e inventiva, criando e recriando a realidade, transformando o mundo e a si mesmo. Deste modo, os estudantes precisam estar inseridos em um espaço de educação e produção acadêmica saudável e favorável ao ato de aprender. Neste sentido, nosso estudo também abordou a temática da saúde mental dos estudantes de Pedagogia no período do ensino remoto. Um objetivo é compreender as vivências subjetivas de sofrimento psíquico ou até mesmo adoecimento associado ao período pandêmico e as implicações no processo de aprendizagem. Neste sentido no próximo item faremos uma discussão sobre a saúde com base em teóricos que se debruçaram sobre esse tema.

### **2.3 Saúde: Liberdade de ser e de construir novos modos de viver.**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) 1946, “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste, somente, em uma ausência de doença ou enfermidade”. Sendo então, um direito social, e apresentada com um valor coletivo, como um bem de todos.

O médico psiquiatra francês Dejours (1993), ao refletir sobre essa definição da OMS sinaliza que saúde não pode ser compreendido como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Em sua perspectiva:

Cada pessoa tem uma ideia do que é a saúde, ou mesmo do que significa este estado de completo bem-estar, é difícil e provavelmente impossível de lhe dar uma definição. Além disso, podemos ir mais longe e pôr em dúvida a existência deste "estado" de completo bem-estar. Pode-se mesmo afirmar que este estado não existe. (DEJOURS et al., 1993, p.99)

Assim reafirma que saúde está relacionada a capacidade de encontrar significados na vida e manter uma relação boa consigo mesmo e com os outros, sendo esse processo fundamental para o bem-estar. Nesse sentido, o estado de completo bem-estar físico, mental e social que a OMS destaca, deve ser entendido como um objetivo para ser atingido, um processo de construir metas e realizá-las. Pois, para ele a saúde não é um estado de bem-estar, de calma, de ausência de movimentos e conforto. Em alguns anos anteriores o autor já afirmava, “A saúde é a liberdade de dar a esse corpo a possibilidade de repousar, é a liberdade de lhe dar de comer quando ele tem fome, de fazê-lo dormir quando tem sono, de fornecer-lhe açúcar quando baixa a glicemia. É, portanto, a liberdade de adaptação” (DEJOURS, 1986. p.11).

Em sua obra *Pôr um novo conceito de saúde* publicado em 1986, apresenta uma nova abordagem sobre saúde, indo além do modelo médico tradicional que tem como base sintomas e diagnósticos. Dejours argumenta que a saúde deve ser entendida como uma capacidade de enfrentar e superar desafios na vida, e não apenas a ausência de doença. Ao propor o conceito de “saúde mental positiva”, ele destaca que saúde é a capacidade de lidar com estresses e adversidade da vida, incluindo os desafios profissionais, sociais e emocionais

Numa perspectiva diferente da medicina tradicional, temos também a concepção do médico e filósofo francês George Canguilhem (2006). Ao analisar a relação entre normalidade e patologia, questiona a ideia de que o objetivo da medicina seja eliminar todas as doenças e restaurar uma saúde “perfeita”. Em vez disso, argumenta que a saúde é um estado dinâmico que envolve a capacidade de se adaptar e responder a desafios e mudanças. “Ser sadio significa não apenas ser normal numa situação determinada, mas também ser normativo, nessa situação e em outras situações eventuais” (2006, p. 158).

George Canguilhem (2006), na obra *O Normal e o Patológico* faz uma crítica ao reducionismo biológico e ao determinismo médico, ao destacar a importância da subjetividade e da interpretação na compreensão da saúde, definindo como uma característica essencial do ser vivo, que se transforma e supera-se diante das adversidades e desafios enfrentados na sua realidade (modo de viver). Em outras palavras, o ser vivo tem uma capacidade além da adaptação, ter saúde é enfrentar e superar os males do meio ao qual estar inserido, ser possível perceber, detectar, entender e agir (ficar enfermo e recuperar-se). Canguilhem, (2006, p.158) o que caracteriza a saúde “é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações a norma habitual e de instituir novas normas”.



Refere-se então a uma visão de saúde que destaca a relação entre indivíduo e o meio. Para George Canguilhem existe um encadeamento importante entre a normatividade (a saúde como norma de vida superior, correspondendo à capacidade de superar a doença e modificar o meio criando suas próprias normas) e a individualidade biológica (representação do organismo). Desse modo, o ser humano precisa lidar com situações sociais que já estão estabelecidas e impostas, se relacionando com o meio de forma dinâmica, fazendo com que a saúde tenha ligação tanto com o meio que estar inserido socialmente quanto a capacidade individual e por vezes até coletiva, e é com essa relação que desenvolve e que restabelece a potencialidade de saúde. “O homem sadio que se adapta silenciosamente às suas tarefas, que vive sua verdade de existência na liberdade relativa de suas escolhas, está presente na sociedade que o ignora. A saúde não é somente a vida no silêncio dos órgãos, é também a vida na descrição das relações sociais” (CANGUILHEM, 2005, p.44).

Nessa mesma linha, Duncan (et al., 2022) argumenta que a saúde é um conjunto de ações e capacidades, que são obtidas e práticas socialmente, e a variação desses resultados refletem no que compreendesse sobre saúde. Em suas palavras:

Em sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (DUNCAN et al., 2022)

Para compreender a saúde de forma abrangente, é importante reconhecer que ela está intrinsecamente ligada à complexidade da condição humana e às experiências vividas por cada indivíduo. No âmago de cada ser humano, existe uma força vital que o impulsiona a enfrentar os desafios que surgem em seu caminho. Essa perspectiva ampla de saúde envolve não apenas a ausência de doenças ou enfermidades, mas também engloba o bem-estar físico, mental e social de cada pessoa. Não se trata apenas da ausência de sintomas, mas da capacidade de lidar com as demandas da vida, de se adaptar as mudanças e de encontrar um equilíbrio saudável em meio aos desafios e adversidades. Nesse sentido, compreender a saúde implica reconhecer que somos seres complexos, influenciados por fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais. As experiências de vida, as relações interpessoais, as condições de trabalho, o acesso a recursos e serviços de saúde, entre outros aspectos, desempenham um papel fundamental na nossa saúde e no nosso bem-estar.

Portanto, ao abordar o tema da saúde, é essencial considerar essa perspectiva holística, que reconhece a integralidade do ser humano e a importância de compreender suas experiências individuais e coletivas para promover um estado de saúde pleno e satisfatório. Nas palavras de Athayde & Neves (1998, p.31), “falar de saúde é falar de um cotidiano que demanda uma mobilização de corpo e alma, de energia de sangue de ossos, de músculos, de memórias, de desejos, de ódios”. De acordo com esses autores, a vida é o ponto primordial para se discutir saúde, a vitalidade presente no ser vivo é o que estimula a movimentação da inteligência e afetividade, fazendo com que mesmo diante da pressão externa e alta demanda do trabalho consiga a autorrealização de seus desejos.

Entretanto, Athayde & Neves (1998, p.32) assim como Dejours, reforça que a saúde não é um estado ideal, não é algo inerte, mas algo que está em constante mutação. Nas palavras dos autores:

Saúde é, então, antes de mais nada, uma sucessão de compromissos que as pessoas assumem com a realidade, que se altera, que se reconquista, se define e se redefine a cada momento, algo que se defende a cada instante. Por fim, saúde é um campo de negociação cotidiana e permanente para tornar a vida viável.

Diante dos conceitos sobre saúde, pode-se entender que uma pessoa saudável não se limita apenas em manter uma rotina de hábitos físicos e questões anatômicas sadias, mas sim em estabelecer ações que permitam viabilizar equilíbrio entre corpo e mente mediante esse processo mutável que é viver, tanto em cenários pessoais e coletivos. Sendo o estado mental fundamental para promover escolhas de ações “livres” e prazerosas, conseguindo assim transitar diante das normalidades sociais e exigências de uma vida profissional, social e pessoal. Rogers, (1986, p.50), compreende o ser psicologicamente saudável em:

Se caracterizariam por uma abertura a toda experiência, uma tendência a viver plenamente cada momento, a capacidade de serem guiadas pelos próprios instintos, e não pela razão e opiniões dos outros, um sentido de liberdade de pensamento e de ação e um alto grau de criatividade.

Fazendo uma conexão entre as concepções de saúde acima expostas e a vida de um estudante universitário, percebemos que é um cotidiano marcado por desafios e superações. A vida estudantil envolve sofrimento, prazer, vivências, experiências e também uma demanda de tarefas e produções acadêmicas. Configura-se, portanto, como um espaço de produção e que envolve muitas demandas e pressão psíquica, como, por exemplo, as apresentações de

seminários, a produção de fichamentos, resenhas críticas, as demandas de leitura, as provas, relatórios e demais produções acadêmicas.

Dejours (1993) ao abordar sobre a dinâmica do trabalho sinaliza que as condições e organização do trabalho podem ter implicações na saúde e afetar à integridade psíquica do trabalhador. Neste caso considera que o trabalho nunca é neutro podendo ser fonte de saúde, de sofrimento ou até mesmo adoecimento. Desse modo, afirma que “qualquer trabalho implica grande quantidade de ajustes, angústias, sofrimentos e injustiças frequentes, porém invisíveis. A mobilização de qualidades e da inteligência, mesmo que seja para fazer bem alguma coisa, implica uma transgressão” (DEJOURS, 1994, p. 27).

Sufrimento psíquico é definido por Dejours (1994, p.19) como uma experiência vivenciada, ou seja, é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre estar no mundo. Continuando o teórico ressalta que o sofrimento é antes de tudo um sofrimento do corpo, engajado no mundo das relações com os outros.

Para este autor toda atividade que mobiliza corpo, mente e afeto, pode-se chamar de trabalho. Seja o trabalho formal, ou atividades simples do dia-a-dia, como limpar a casa, lavar roupas, preparar refeições, cuidar de seu animal de estimação. Nessa perspectiva é possível afirmar que estudar também é trabalhar, configurando-se em um conjunto de atividades que exige do corpo, cognição, tempo, e dedicação até atingir a finalidade dos processos de aprendizagem.

O sujeito sente-se útil ao trabalhar (*estudar*) e se colocar à disposição de problemas, ao realizar atividades de seu cotidiano, ao entender novos questionamentos e criar respostas, ao estabelecer metas e cumpri-las. Assim ao superar os desafios ele supera a si mesmo, o que lhe impulsiona a movimentar-se, e produzir algo novo, pois é assim que o sujeito pode estabelecer uma sensação de bem-estar consigo mesmo, nas relações e no mundo.

Estudos<sup>1</sup> demonstram que os universitários adotam uma postura “ambígua-militante” como indivíduos construindo ideias, convicções e posturas (FERREIRA,1996) e que o processo de adaptação ao espaço acadêmico e as dificuldades emocionais no amadurecimento podem se configurar como sofrimento ou adoecimento mental resultando doenças e aflições como depressão, estresse, ansiedade e distúrbios alimentares (FECUNDES e LUDERMIR, 2005; NEVES e DELGALARRONDO, 2007; FURENGO et al., 2005). Estes estudos recentes evidenciam que os jovens se encontram em uma situação de sobrecarga e

---

<sup>1</sup>Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, V. 2, n.4-5, p.159 – 177.

desprotegidos diante das dificuldades do ensino superior, necessitando assim que aja esforços para promoção de saúde e conforto no espaço acadêmico.

No que diz respeito a promoção de saúde no âmbito do ensino superior, e diante do que foi postulado, jovens e adultos passam a buscar meios de obter o suporte necessário para lidar com as pressões, diante do novo cenário ao qual estar inserido (Ensino superior). Em 1995 o estudo de Figueiredo e Oliveira partindo da análise relatadas por estudantes universitários, faz uma análise que destaca a necessidade de implementar um serviço de educação e orientação de saúde mental numa universidade pública Federal de São Paulo. Desse modo, enfatizam que os estudantes demonstram ter interesse pela busca de adquirir informações e cuidados na saúde, principalmente cuidado na saúde mental.

Loreto (apud CERCHIARI et al., 2005) ao abordar sobre esse tema, assinala que houve uma importante conferência em 1956, conhecida como a Primeira Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil.

O evento ocorreu em Princeton, New Jersey, e foi organizado pela Federação Mundial de Saúde Mental em colaboração com a Associação Internacional de Universidades. A conferência teve como objetivo principal promover a disseminação dos serviços de saúde mental nas universidades ao redor do mundo. Durante o evento, foram discutidos e elaborados programas que pudessem servir de modelo para as universidades de todos os países. Essa iniciativa revolucionária abriu caminho para o reconhecimento e a importância dada aos cuidados com a saúde mental dos estudantes universitários. Desde então, os serviços de saúde mental nas universidades têm se expandido em diferentes países estrangeiros, proporcionando apoio e orientação aos estudantes que enfrentam desafios psicológicos durante sua jornada acadêmica. Esta conferência pioneira contribuiu para a promoção da saúde mental estudantil em escala global.

Em 1957, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, foi estabelecido o primeiro serviço de higiene mental e psicologia clínica do Brasil. Esse serviço tinha como objetivo principal fornecer assistência psicológica e psiquiátrica aos estudantes universitários, começando inicialmente pelos alunos de Medicina. Em seguida, em 1965, a Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, também organizou um serviço de saúde mental escolar, reconhecendo a importância do suporte psicológico aos estudantes. A tendência de implementar serviços de saúde mental nas universidades se expandiu durante os anos 60. As universidades federais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro implantaram seus próprios Serviços de Saúde Mental, todos voltados para atender os

universitários. Uma criação mais recente foi o Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante (SAPPEP), criado em 1987 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Esse serviço foi estabelecido por meio de uma parceria com a Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e o Departamento de Psicologia Médica e Psiquiátrica. Seu objetivo foi oferecer assistência psicológica e/ou psiquiátrica preventiva e terapêutica aos estudantes de graduação e pós-graduação. Essas iniciativas demonstram o reconhecimento crescente da importância da saúde mental dos estudantes universitários no Brasil, com serviços especializados sendo estabelecidos em várias instituições de ensino superior. (LORETO apud CERCHIARI et al., 2005).

Em uma última análise, Cerchiari et al. (2005) enfatiza que, apesar de a preocupação com a saúde mental e a assistência ao estudante universitário brasileiro ter surgido há meio século, infelizmente ainda é escassa a quantidade de estudos relacionados, e os estudos que já existem precisam de um maior grau de rigor metodológico e estatístico, com o mesmo ponto de vista temos Figueiredo e Oliveira ainda em 1995.

Trazendo essas reflexões para o contexto local, vimos a importância do apoio psicológico para os estudantes, diante do cenário pandêmico e de aulas remotas ao qual os discentes do curso de Pedagogia enfrentavam. Neste sentido, no ano de 2021 a Pró-Reitoria Estudantil (PROEST) e Clínica de Psicologia da UEPB ofereceram atendimento psicológico para estudantes e comunidade em geral da Universidade Estadual da Paraíba. O atendimento psicológico era ofertado de forma on-line para os estudantes durante o período de aulas remotas. Os alunos(as) faziam solicitação enviando um e-mail para o endereço setorpsicossocialuepb@gmail.com, e após a confirmação dos dados, eram agendados para uma sessão através do aplicativo *Skype*.

Desde o início da pandemia, mais de 900<sup>1</sup> alunos receberam atendimento psicológico oferecido pela PROEST, destacando a importância desse apoio e em um momento tão desafiador. Além disso, a Clínica Escola do Departamento de Psicologia da UEPB também estava oferecendo no site oficial uma variedade de serviços voltados para a saúde mental da população. Isso inclui Plantão de Escuta Psicológica, Psicoterapia Individual, Avaliação Psicológica, Orientação Vocacional e Grupos Terapêuticos. Para facilitar a comunicação e operacionalização dos serviços remotos da Clínica, foi criado um link de inscrição para solicitar atendimentos psicológicos. Os serviços disponíveis abrangeram atendimento psicoterápico para estudantes da UEPB, atendimento psicológico para crianças e adolescentes,

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://uepb.edu.br/proest-e-clinica-de-psicologia-oferecem-atendimento-psicologico-para-estudantes-e-comunidade-em-geral/>. Acessado em: 02 de junho de 2023.

suporte de escuta individual e trabalhos em grupos em diferentes contextos, como escolas públicas e hospitais, além de um trabalho especial com agentes comunitários de saúde durante a pandemia de Covid-19, visando a promoção e prevenção da saúde. Sendo essa ação uma tentativa de causar um impacto positivo no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, tendo em vista que passavam por um cenário atípico de isolamento social, adaptação de uma nova rotina, e aflições, e medo externos influenciado pela pandemia devido o vírus Covid-19, momento delicado ao qual os discentes precisavam ser ouvidos e compreendidos.

Essas iniciativas demonstraram a sensibilidade e compromisso da Instituição em oferecer apoio psicológico aos estudantes e à comunidade, na tentativa de contribuir para a saúde mental diante dos desafios do ensino remoto. Com base nas leituras da temática em estudo, gostaríamos de reafirmar importância dos serviços e espaços de assistência estudantil oferecidos por uma universidade em relação aos cuidados com a saúde mental.

Portanto, é necessário pensar na promoção da saúde mental como ferramenta indispensável para a qualidade de vida dos estudantes. Segundo a carta de Ottawa (1986), a definição de promoção de saúde envolve capacitar a comunidade a melhorar sua qualidade de vida e saúde, por meio de uma maior participação no controle do processo. Sendo assim, o indivíduo deve ter a capacidade de identificar suas emoções, aflições, sentimentos e desejos para conseguir alcançar um estado de bem-estar, sendo fundamental o controle sobre sua saúde para assim conseguir melhor qualidade no seu processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, salientamos que a saúde mental desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, pois afeta diretamente a capacidade de um indivíduo assimilar e construir conhecimentos, concentrar-se, resolver problemas e interagir de maneira saudável com os outros. No processo de formação superior, quando a saúde mental é atingida, os efeitos negativos podem se manifestar de várias maneiras, prejudicando significativamente o desempenho acadêmico e o desenvolvimento pessoal. A mente fica sobrecarregada gerando estresse, ansiedade, desânimo e tristeza, dificultando para os estudantes conseguir se engajar plenamente no processo de aprendizagem. Foram esses os sentimentos vivenciados pelos alunos e alunas do curso de Pedagogia em 2020 e 2021, conforme abordaremos no capítulo de análises e discussões.

### 3 O CAMINHO PERCORRIDO

#### 3.1 Perspectiva metodológica

Em relação ao desenvolvimento do trabalho de campo, foi utilizado como instrumento metodológico, entrevistas individuais de caráter semiestruturado. A escolha dos estudantes para a entrevista foi feita aleatoriamente, convidando alunos/alunas de maneira espontânea, visando apenas abranger períodos diferentes e dos dois turnos (manhã e noite). A princípio, tínhamos como meta, vinte e cinco estudantes, mas com o decorrer do processo ampliou-se o interesse da participação dos estudantes, totalizando cinquenta. É possível supor que essa demanda dos alunos(as) para participarem da pesquisa, para além do interesse de contribuir com o estudo, pode ter ocorrido também pela necessidade de relatar e ao mesmo refletir as vivências e produções subjetivas durante o processo de ensino remoto no contexto pandêmico.

No primeiro contato com cada estudante, buscamos transmitir uma sensação de segurança ao apresentar-se e deixar claro o objetivo da pesquisa de maneira precisa e detalhada. Foi explicado quais os propósitos da pesquisa e destacado a importância da participação dos estudantes. Em seguida, foi apresentado o termo de consentimento e livre esclarecimento, que estabelece as bases éticas e legais para a realização da gravação da entrevista. No termo de consentimento, contém a solicitação para permissão dos alunos(as) para a gravação das entrevistas, ressaltando que todas as informações serão mantidas de forma anônima e confidencial. Além disso, destacamos que os resultados da pesquisa podem ser apresentados em eventos acadêmicos e científicos, mas sempre preservando a privacidade dos participantes. Também enfatizamos o direito dos estudantes de desistirem da pesquisa a qualquer momento, caso considerem necessário.

Ao abordar esses aspectos de maneira formal e detalhada, buscamos garantir a transparência e a segurança dos participantes da pesquisa. O processo de consentimento informado é essencial para proteger os direitos e o bem-estar dos estudantes, além de assegurar a integridade e a validade da pesquisa. Com essa abordagem, buscamos estabelecer uma relação de confiança com os discentes, respeitando sua autonomia e proporcionando um ambiente ético e responsável para a coleta de dados.

As entrevistas aconteceram de maneira presencial e via aplicativo *Meet*, levando em consideração os horários, e disponibilidade de tempo de cada estudante. As realizadas de forma presencial se davam no Centro de Humanidades de Guarabira, utilizando a sala C-06, B-04, A-04 e J-02. Os encontros eram feitos de maneira individual e com horários agendados,

nos três turnos, dependendo da agenda de cada aluno(a). Já as entrevistas realizadas via aplicativo *Meet* envolveram os alunos(as) do turno da noite, levando em conta a dificuldade de locomoção para o Campus, em horário que não interferisse nas aulas. Nas entrevistas realizadas no presencial e via *Meet* percebemos que os alunos(as) se sentiram bem à vontade para narrar suas particularidades e vivências durante o cenário pandêmico e com as aulas remotas. Criava-se um espaço de descontração e afetividade. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos discentes entrevistados com uma média de duração de 20 minutos.

Para preservar a identidade dos estudantes entrevistados, atribuímos códigos fictícios a cada um deles de acordo com os períodos que estavam estudando naquele momento, alunos(as) que estavam no mesmo período nós diferenciamos a partir das letras do alfabeto de forma que aparecerão nas análises da seguinte forma: p2; p3 (p3a, p3b, p3c), p4; p5; p6; p7; p8; p9. É importante destacar que o estudo foi conduzido no âmbito do Curso de Pedagogia, do Centro de Humanidades Campus III da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizado em Guarabira, no estado da Paraíba.

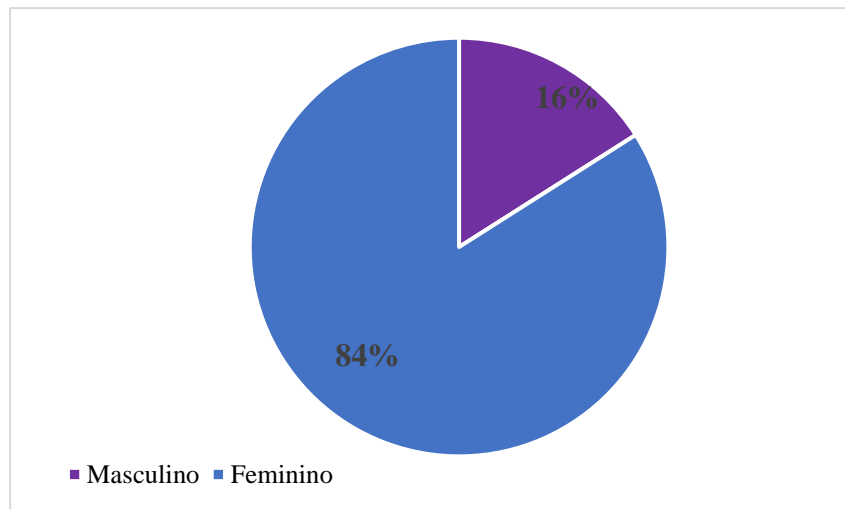
**Tabela 1-** Análise de Campo 2021.

<i>Turno</i>	<i>Quantidade</i>
<b>Diurno</b>	159 Estudantes
<b>Noturno</b>	206 Estudantes
<i>Turmas</i>	
<b>Diurno</b>	7
<b>Noturno</b>	9
<i>Total de turmas</i>	16

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2023.

Em relação a composição da amostra, participaram desse estudo cinquenta alunos, sendo oito do gênero masculino e quarenta e duas do feminino com faixa etária que variava entre 17 e 47 anos.



**Gráfico 1** - Composição da amostra em porcentagem 2021.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Esses dados detalhados sobre a composição da amostra, a quantidade de estudantes matriculados no Curso de Pedagogia e a distribuição das turmas no turno diurno e noturno oferecem uma compreensão mais precisa do contexto em que a pesquisa foi conduzida, fornecendo informações relevantes para a análise e interpretação dos resultados obtidos. Os sujeitos participantes, são alunos(as) de Guarabira e de outras cidades da região que estudam no Centro de Humanidades, as cidades dos entrevistados são:

**Tabela 2** - Quantidade de entrevistados(as) de cada Cidade, 2021.

<i>CIDADE</i>	<i>QUANTIDADE DE ENTREVISTADOS</i>
AREIA - PB	1 pessoa
CACIMBA DE DENTRO - PB	1 pessoa
SERRA DE SÃO BENTO - RN	1 pessoa
MARIA CRUZ - RN	1 pessoa
PILÕES - PB	1 pessoa
SERRARIA - PB	1 pessoa
LAGOA DE DENTRO - PB	2 pessoas
PIRPIRITUBA - PB	3 pessoas
ALAGOA GRANDE - PB	2 pessoas
LOGRADOURO - PB	3 pessoas
ARARUNA - PB	2 pessoas
MULUNGU - PB	3 pessoas
CAIÇARA - PB	2 pessoas
BELÉM - PB	3 pessoas
ITAPOROROCA - PB	1 pessoa
DONA INÊS - PB	3 pessoas
ALAGOINHA - PB	2 pessoas
RIACHÃO - PB	3 pessoas
PASSA E FICA - RN	2 pessoas
GUARABIRA - PB	13 pessoa

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Dos cinquenta participantes, vinte e quatro estudavam no turno da noite e vinte e seis no turno da manhã. Em relação aos períodos que estavam cursando, conseguimos realizar entrevistas do segundo ao décimo período sendo distribuídos da seguinte forma:

**Tabela 3** - Relação de quantidade de discentes entrevistados por cada período, 2021.

<i>PERÍODO</i>	<i>QUANTIDADE DE ALUNOS</i>
2º	2
3º	6
4º	4
5º	4
6º	11
7º	12
8º	6
9º	4
10º	1

**Fonte:** Elaborada pela autora, 2023.

Outro dado importante sobre as entrevistas é que doze dos entrevistados(as) ingressaram no curso e iniciaram os estudos durante o ensino remoto e trinta e oito já tinham passado pela experiência do presencial e de certa forma, foram os mais abalados com a suspensão das aulas de forma inesperada e a retomada posteriormente no ensino remoto por três semestres.

Após a realização do trabalho de campo iniciamos o processo de transcrição das entrevistas. Na medida que íamos transcrevendo já ensaiávamos as análises que foram aprofundadas com base nos aportes teóricos de forma que criamos algumas categorias de análises que serão apresentadas no próximo capítulo.

## 4. ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

### 4.1 Os desafios de aprender no ensino remoto: as vivências dos discentes de Pedagogia

A concepção de aprendizagem que abordamos nesse trabalho coloca o aprendiz como sujeito e não como objeto do processo educativo. Na visão da psicóloga Benevides-de Barros (2001) o processo de aprendizagem não é uma mera operação intelectual de assimilar conhecimentos. Pelo contrário, a aprendizagem demanda afetos, pressupõe atividade dos envolvidos e dá-se pelo enfrentamento de uma forma de perceber o mundo com a outra que é apresentada com base nas novas informações. Neste sentido, aprender é operar sobre determinadas práticas de modos diferentes do que se estava acostumado.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Paulo Freire (2020) sinaliza que o processo educativo não se caracteriza pelo recebimento, por parte dos alunos, de conhecimentos prontos e acabados, mas pela reflexão sobre os conhecimentos que circulam e que estão em constante transformação; professores e alunos são produtores de cultura; todos aprendem e todos ensinam, são sujeitos da educação e estão em permanente processo de aprendizagem.

O processo de aprendizagem via ensino remoto durante o contexto pandêmico na percepção dos discentes do curso de Pedagogia do Centro de Humanidades que participaram desse estudo, foi marcado por muitas dificuldades, isso porque diferentemente das concepções de Benevide-Barros e Freire, as aulas on-line eram monótonas e cansativas, conforme apontam esses depoimentos:

É uma experiência muito cansativa, espero nunca mais voltar, jamais. (p8)

Pra ser sincera não existia muita motivação (risos). Porque era bem cansativo ficar a muito tempo em frente a computador, acaba a visão, até mesmo o horário é um pouco reduzido devido a isso, mas a gente sabe que precisa daquilo então é como se fosse uma obrigação, mas eu não gostava muito não, tenho até medo de voltar, espero que não (p3a).

É essa forma de ensino pra mim não é algo válido eu não considero como válido, eu perdi muito durante esses períodos que eu fiz de forma remota, eu sinto isso no meu processo de formação. Se pudesse, eu acho que eu voltaria e faria todos os períodos presenciais, porque eu não considero que eles foram válidos, assim, a gente passou, mas na questão da aprendizagem, ela não foi significativa pra mim. Então, acho que é isso, é eu sou, sou tipo assim, levanta a bandeira contra cem por cento dessas aulas. E fico rezando pra que nunca volte, porque misericórdia. (p8)

No início foi difícil, bastante difícil me adaptar com essa nova realidade. Teve momentos que eu pensava até em desistir, não conseguia fazer as atividades no

prazo adequado, desânimo muito desespero então assim foi bastante difícil bastante difícil mesmo só com o tempo que consegui me adaptar um pouco mais aí foi quando as coisas foram clareando e foi melhorando. (p5)

Analisando esses depoimentos recorreremos às contribuições Henri Wallon (2007). Quando diz que a aprendizagem resulta da integração das dimensões cognitiva, afetiva e motora. Neste sentido, a queixa dos estudantes em relação ao ensino remoto pode estar relacionada com a fragmentação dessas dimensões indissociáveis ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. Se a aprendizagem mobiliza afetos, cognição e corpo, o fato do estudante está limitado a uma tela de celular ou de computador, impunha limitações ao processo na medida que não favorecia a mobilização afetiva, cognitiva tornando o sujeito um ser passivo e submetido a um mero repasse de conhecimentos.

Com base na abordagem sociointeracionista de Vygotsky, Oliveira (1997) sinaliza que a aprendizagem é um processo de reconstrução individual do material recebido de fora: aquilo que é inicialmente intersíquico passa a ser intrapsíquico. Assim, o comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere.

Parece-nos que esse pensamento vygotskiano sobre o ato de aprender, destoa frontalmente da realidade da sala de aula virtual dos estudantes durante a pandemia. Os entrevistados revelam que embora os professores se esforçassem para criar um ambiente de sala de aula virtual que favorecesse a aprendizagem e a interação, não conseguiam êxito e as aulas caíam na monotonia e dispersão conforme apontam os próximos depoimentos:

era assistindo aula e lavando os pratos, assistindo aula e recebendo gente na porta, com o celular no fone e na mão acompanhando o tempo todo era o jeito fazendo as coisas... não tinha como assistir aula direito não. A gente só estudava mesmo pra apresentar um trabalho de madrugada porque estava todo mundo dormindo em casa. Eu sou mãe né? (p8)

Eu acho que a questão da tela, e da didática do professor, alguns não sabia mudar sua didática e se moldar para aquele momento de pandemia, aquele momento de aula virtual, ficava aquela coisa bem cansativa e repetitiva, os olhos mais cansados, eu sentia mesmo. (p5d)

Ao analisar esses depoimentos foi possível fazer uma ponte com uma pesquisa realizada por Ramos e Salorte (2021), que apontou diversos obstáculos comprometeram o rendimento dos estudantes durante o formato de ensino online. Dentre esses desafios, destacou-se a dificuldade de concentração, as interrupções causadas por ruídos domésticos, a

responsabilidade de realizar tarefas domésticas e a ausência de um ambiente apropriado para o estudo.

Os relatos apresentados, permite pensarmos que o contexto pandêmico interferiu de forma negativa no processo de aprendizagem dos discentes e o acesso ao conhecimento parecia acontecer de forma passiva lembrando a educação bancária citada por Paulo Freire (2020). Neste sentido, as salas virtuais não propiciavam aos jovens universitários um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de visão ou vivência direta. Não possibilitava de forma produtiva o acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade. Tereza Cristina Rego (2001) fundamentando-se em Vygotsky, sinaliza que o aprendizado escolar deve exercer uma significativa influência no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (capacidade de planejamento, concentração, controle voluntário do comportamento).

Outra questão importante abordada pelos alunos(as) nos depoimentos diz respeito transformação de suas casas em espaço de sala de aula. Dessa forma, a vida privada foi se tornando pública e o espaço destinado à esfera íntima foi suprimido diariamente. Parecia não haver limites entre trabalho (ensino-aprendizagem) e vida pessoal. Em um dos depoimentos o estudante revela que a família reclamava muito exigindo que ele fizesse as atividades da casa. Outros abordaram que os barulhos das crianças, as conversas paralelas dos outros membros da família, a falta de um espaço adequado para assistirem às aulas, interferiam na concentração, na escuta da fala do professor prejudicando o aprendizado. A esse respeito destacamos o seguinte relato:

Eu acho que todo mundo sofreu mesmo né? Com a internet... Acho que o fato de não ter um lugar assim adequado pra estudar. Eu acho que não tinha um lugar adequado. Assim, às vezes eu estava no meu quarto e não era confortável. Não era um lugar confortável pra estudar. E um barulho enorme. Porque aqui onde eu moro é muito barulhento. Aí a pessoa não consegue se concentrar tanto. A todo momento chegava alguém falando e eu tinha até medo de abrir o microfone quando os professores mandavam porque eu tinha medo de alguém falando mó besteira. Aí eu acho que esse fato também assim de não ter um lugar assim adequado pra estudar. Acho que interferir um pouco. Meio que você não divide né entre sair ir pra universidade e estar em casa a casa se tornou universidade então acho que isso era ruim. (p7)

De acordo com Papalia e Olds (2000) a escola possibilita uma experiência organizadora central na vida de grande parte dos alunos(as). Ela abre espaço para o desenvolvimento de novas habilidades e aperfeiçoamento das habilidades adquiridas no processo de formação. Possibilita também a participação nos esportes, na cultura, nas artes e em outras atividades, permitindo a ampliação dos horizontes intelectuais e dos laços afetivos a

partir das relações com professores, colegas e demais membros da comunidade escolar. Deste modo, a escola é de relevância primordial para os estudantes em formação e dependendo de como o ambiente escolar é estruturado pode-se ter um aprendizado prazeroso. Podemos dizer que assim como a escola, o ambiente universitário também possibilita a aquisição do patrimônio histórico cultural acumulado, a produção de novos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades artísticas, desportistas e culturais.

O espaço escolar como ambiente de produção de conhecimento e ampliação dos horizontes intelectuais, afetivos e desenvolvimento de habilidades, parece ter sido diluído durante o período pandêmico cedido espaço para sala de aula esvaziada de sentido naquele momento. Os relatos da maioria dos discentes do curso de Pedagogia que foram entrevistados, revelam que as aulas remotas foram marcadas por um processo ensino-aprendizagem caótico e infrutífero em termos de aprendizagens. Além das questões mencionadas anteriormente, eles identificaram outras limitações que dificultaram a vida acadêmica naquele período: dificuldades no manejo das ferramentas tecnológicas, precariedade nas condições estruturais (internet de baixa qualidade, falta de aparelhos adequados), falta de interação com colegas e professores, sobrecarga de trabalhos, desigualdade social no período pandêmico e desinteresse pelas aulas on-line por falta de uma metodologia mais dinâmica nas aulas. Vejamos:

Tinha também a carga maior de atividades, a cobrança em fazer isso direitinho, e eu tinha muitos momentos de estresse, chegava final de período eu me estressava, pode até perguntar ao pessoal lá de casa, saia do quarto pro banheiro e do banheiro pro quarto, cozinha quarto, eu não saia do quarto, sempre estudando fazendo as atividades, e assim foi por 2 anos. (p5d)

Eu abominei assim cem por cento a questão da das aulas remotas por conta das realidades que a gente tem sabe? No nosso país. Então eu acho que ficou mais claro essa questão da desigualdade social no período pandêmico, muitas crianças perderam e a gente tá sentindo isso, né? Hoje em sala de aula perderam esses anos, né? De pandemia, porque a família só tinha um celular ou a família não tinha internet ou as pessoas não tinham local adequado pra estudar, é só um cômodo pra todas as pessoas ficarem. Então, como é que essas pessoas vão estudar, né? então assim, eu não concordo. Se teve uma coisa assim que mudou de fato no meu pensamento enquanto estudante de pedagogia né? E que veio acrescentar na minha graduação foi a respeito desses fatores econômicos e em relação também a educação a distância principalmente quando a gente fala da rede básica de ensino né? (p7e)

Em todos os depoimentos percebemos que os estudantes se sentiram afetados negativamente pela ausência de uma boa interação nas aulas virtuais. As aulas eram expositivas e centradas na figura dos professores. De acordo com alguns relatos a sala de aula parecia não ter vida, transformando em um ambiente de pessoas que se reuniam diariamente, mas permaneciam isoladas:

Meus colegas quase não falavam, teve professores que até chegaram a passar trabalhos mais difíceis e reprovar basicamente metade da turma por conta de falta de interação, devido a turma não falar. (p7a)

Sim, os professores mesmo reclamavam que davam aula sozinhos, só viam fotos, eram poucas pessoas interagiam, as vezes só interagia quando o próprio professor chamava pelo nome, tinha que direcionar pra ver se alguém falava alguma coisa. (p6d)

No final por que veio a questão da exaustão do ensino remoto, estávamos cansados de só ver ali imagens, não ter uma câmera aberta, um áudio aberto de vez em quando, então isso era difícil, pois era como se eles falassem com nada, como se não tivesse ninguém, quando um ou dois falavam era um milagre. (p7b)

No presencial como eu sempre falo e sempre friso, o contato é essencial, o olho a olho sem ser através de tela é essencial para você aprender, você aprende a se concentrar mais porque você tá vendo outra pessoa ali na frente, você não tem nada para lhe interferir ali, é contato físico, ou seja, a pessoa presta mais atenção quando você estar de frente a frente com a pessoa. Até sua forma de se expressar muda, sua forma de compreender também muda, sua assimilação é totalmente diferente do que por uma tela”.

Analisando esses relatos, recorremos à Madalena Freire (1983) quando ressalta que o ato de aprender, é um ato criador, um processo de dar forma a vida, aos nossos desejos. Para isto é necessário estar concentrado com o corpo, a mente e os afetos presentes. Ansiedades, confusões e insegurança são constitutivas do processo de aprender. Assim como também, a imaginação, a fantasia e o sonho. Não existe pensamento criador sem estes ingredientes. Partindo dessa linha de pensamento podemos dizer que as aulas remotas ao invés da mobilização dos afetos, cognição e movimentos de aprendizagem, produziam uma certa letargia e esvaziamento do sentido e importância de aprender. A monotonia, cansaço, isolamento, incertezas foram as marcas maiores desse processo nas palavras de um entrevistado: “não me adaptei ao ensino remoto por conta disso, eu sou muito humano na questão de sentir o calor, a energia, a presença, a entonação. Infelizmente no ensino remoto a gente não tem esse privilégio de ter essa sensação”. (p6)

De acordo com Stanley (1994), como seres humanos, dependemos das relações com os outros para nossa sobrevivência e felicidade. Ele ressalta que "a forma como nos conectamos afeta tanto quem somos quanto nossos relacionamentos com a comunidade" (Stanley, 1994, p.80). Portanto, as relações podem ter um impacto tanto positivo quanto negativo em nós. Neste caso, as interações ou oportunidades de interação que as participantes experimentaram não estavam satisfatórias para o seu bem-estar devido às dificuldades causadas pelo contexto da pandemia.

## 4.2 Saúde Mental dos Estudantes durante a Pandemia: “Dá Licença, mas eu vou sair do sério quero mais Saúde”

Conforme vimos no capítulo teórico, Canguilhem (2006) enfoca a saúde como uma característica fundamental do ser vivo, que consiste em sua capacidade de produção de novas normas de vida. Para esse teórico, nós (sujeito social) vivemos em um meio dinâmico, repleto de variabilidades e infidelidades em que os homens e as mulheres vivem regulando o tempo todo os seus modos de viver.

Na concepção do médico e psicanalista Dejours (1993) nossa herança genotípica vem atravessada pelas fragilidades psíquicas e somáticas, mas a concretização dessa herança depende dos determinantes socioambientais. Isto é, existe um espaço de conquista ou de construção de saúde pelos humanos que atravessa todo o período de vida.

Com base nessas concepções de saúde, podemos dizer que o período de pandemia foi marcado por uma luta incessante e cotidiana de todos os seres vivos para preservar a vida diante de um vírus que exterminava diariamente milhares de pessoas em escala mundial. Com o isolamento e distanciamento social, muitos deixaram de ir a seus lugares de trabalho e passaram a trabalhar remotamente; famílias passaram a conviver cotidianamente e conflitos surgiram na intimidade familiar; novas demandas foram sendo impostas para o corpo, mente e afeto tendo implicações na saúde e subjetividades dos seres humanos.

Os relatos dos entrevistados em relação à saúde durante o período pandêmico revelam um cenário de incertezas, medos, inseguranças e perdas de familiares, amigos, conhecidos. Alguns depoimentos sinalizam o sofrimento psíquico vivenciado na época:

acho que foi mais a questão do medo em si, o que vai acontecer, se vou pegar, quem vai morrer e tal, porque até então estava aquela coisa assim “pegou morreu”, então eu estava bem assustada principalmente com a faculdade que tinha parado, questões de inseguranças também. (p5d)

Desgastava demais, e tinha muita atividade pra compensar as horas de aula, então a gente ficava muito sobrecarregado, aí juntava com a ansiedade do isolamento, com incerteza, com parente que estava falecendo, ou gente perto falecendo, aí juntava tudo, era um mix de emoções. (p6c)

Analisando esses depoimentos vimos que os estudantes atravessaram momentos difíceis e alguns apontam que passaram a ter crises de ansiedade. A palavra ansiedade foi a mais utilizada pelos estudantes quando perguntávamos acerca da saúde na época da covid-19. O estado ansioso também interferia na aprendizagem e na participação nas aulas. No período



mais crítico da pandemia, o stress e ansiedade produziam sofrimento psíquico e vontade de desistir do Curso:

Tinha muitos fatores, fora a angústia, ansiedade, minha família também teve Covid, não conseguia assistir aula direito, acho que perdi duas semanas de aula e não me concentrava, não conseguia fazer as atividades e era muitas atividades, se você não fizesse, acumulava, e isso já causava ansiedade de você pensar que não estava dando conta, só que ao mesmo tempo nesse pensamento você não conseguia fazer nada, era algo que paralisava, e isso ia causando mais ansiedade, mais angústia, você pensar que não tá conseguindo fazer as coisas da faculdade que é uma responsabilidade. (p6c)

Eu acho que todo mundo desenvolveu um pouco de ansiedade, a gente tinha muito medo do amanhã, a gente não esperava passar por um momento como esse, é tanto que o que a gente não conhece a gente tem medo do desconhecido, então eu acho que a gente, eu tive muito medo. (p5)

Então assim, eu já tenho ansiedade e níveis de estresse. Foram no pico enorme. Aí vem a questão da UEPB, parou, tá. Parou, mas e aí como é que vai ficar? Não, próxima semana volta? Não, próximo mês volta e assim foram quatro, seis meses. É o emocional ele oscilava, baixa, sobe e hoje eu estou mais tranquila, meia hora depois já estava ponto enlouquecer. Foi assim foi até hoje os impactos estão sendo assim bem grandes mesmo. (p9)

Eu nunca tinha apresentado nenhum seminário, nem na faculdade. Aí eu tive que apresentar o primeiro foi remoto, justamente nesse seminário eu pensei em desistir do curso, já tava pensando mesmo em trancar, porque eu já tava desesperada, não conseguia ficar calma por causa disso. (p5)

Estudos recentes também sinalizam a presença desses sentimentos. Menezes et al. (2020) conduziram uma pesquisa junto aos membros da comunidade acadêmica da rede pública do ensino superior de Belém-PA, a qual revelou que o período de isolamento social resultou em impactos emocionais nos estudantes universitários. Eles passaram a manifestar sintomas de ansiedade, estresse, irritabilidade, insônia, tristeza, medo de adoecer e desmotivação. No estudo de Gundim et al. (2021) constatou-se que a pandemia e a preocupação com as atividades acadêmicas tiveram um impacto significativo, desencadeando reações emocionais negativas entre os estudantes universitários. Essas reações incluíram ansiedade, estresse, pânico, desmotivação e medo de contrair a doença. A pesquisa conduzida por Wang et al. (2020) revelou que as mulheres estudantes universitárias apresentaram uma prevalência elevada de sintomas de depressão, ansiedade e estresse relacionados à COVID-19.

Mota et al. (2021) destaca que antes da pandemia, estudos já haviam identificado uma alta prevalência de sintomas de ansiedade e estresse entre os estudantes universitários. No entanto, durante a pandemia, uma pesquisa revelou que 58,5% dos estudantes relataram ter experimentado um intenso sofrimento psicológico. Esse sofrimento foi associado à adoção de

uma nova metodologia de ensino, ao uso excessivo da internet, à perda de qualidade do sono e à redução das interações sociais.

É evidente que os estudantes entrevistados em nosso estudo têm plena ciência e compreensão de seus sintomas como ansiedade, os quais frequentemente englobam outras sensações (como irritação, estresse, dificuldade de concentração, respiração irregular e distúrbios do sono). Em seus depoimentos assinalam que esses sintomas já existiam, mas se agravaram durante o período pandêmico, devido às novas exigências do contexto, afetando tanto suas atividades diárias como as atividades acadêmicas com implicações negativas no processo de aprendizagem.

Ao adotarmos uma abordagem gestáltica, enfatizamos a compreensão proposta por Perls (2002), que concebe a ansiedade como um estado patológico decorrente de uma descarga inadequada de excitação. Ele salienta que a energia contida na pessoa deve ser liberada para permitir um funcionamento saudável. Portanto, compreende-se que uma pessoa em um estado de ansiedade vive constantemente em tensão, aprisionada entre o presente e o futuro, manifestando sintomas como uma tentativa de lidar com a intensa excitação que tensiona o corpo e influencia a forma como ela se relaciona com o ambiente.

Por outro lado, notamos que os estudantes embora se sentissem amedrontados e com crises de ansiedade diante do cenário caótico que se vivenciava naquele momento, alguns relataram que mesmo com todas as limitações, dificuldades e pontos negativos, as aulas remotas puderam contribuir para minimizar o sofrimento psíquico. As aulas e atividades acadêmicas eram fontes também de saúde e bem-estar, tendo em vista que tirava o foco da doença, da morte, do medo e mobilizava para a vida, aprendizagem e trabalho. Evidenciamos também relatos de discentes destacando que com a pandemia se tornaram mais sensíveis, empáticos buscando compreender e ajudar os colegas que estavam com dificuldades. Disseram ter sido uma experiência e aprendizagem significativa para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.

eu me identifiquei bastante com os seminários, por que quando passava seminário, a gente tinha que ir atrás de montar, de buscar, e a gente tentava trazer mais essa pegada mais diferente de didáticas dos seminários, como filmes, músicas, então acho que foi algo que instigou bastante foi os seminários, e conseguia até distrair das notícias ruins. (p4)

Como aluna eu me senti na minha área de conforto, porque eu não gosto muito de sair, então eu acho que eu até precisava disso, desacelerar porque eu acho que quando a gente estar com muitas pessoas e não para em casa estamos em um nível muito acelerado, então eu gostei, consegui focar mais nos estudos ainda mais em um momento que era só morte morte morte, então foi bom particularmente. (p10)

Aí depois eu fui me acostumar, pois nunca tinha tido acesso à tecnologia e precisava aprender a lidar com isso, no início foi um pouco complicado, mas depois, (cita aluno) me ajudou muito, que é meu colega de turma, ele tinha mais acesso à tecnologia e me ajudou bastante, depois que eu aprendi ficou mais fácil lidar. (p7)

eu acredito que tivemos pontos negativos como também pontos positivos e o que mais me marcou foi a questão do ajudar de uma auxiliar o outro porque presencialmente um ajuda o outro eu sei mas eu acredito que no remoto algo que me marcou bastante foi aí a interação dos alunos no sentido de ajudar quando eu não podia fazer algo, vim alguém me auxiliar, vi um professor que me instruíva dizendo, faz assim, você consegue desse jeito, quando um colega também não conseguia, eu ia lá ajudava aí estimulava ele a fazer e conseguir tal trabalho, tal tarefa ou até mesmo não desistir do período que está que estávamos cursando. (p6)

e o que a pandemia ensinou e o ensino remoto foi a empatia de se colocar no lugar do outro e pensar também na situação do outro. E também na tecnologia, aprendemos bastante com computador e ferramentas, isso marcou também. (p5)

Esses relatos se coadunam com a afirmação de Dejours (1993) em relação à saúde no trabalho. Para o teórico o trabalho (no caso dos estudantes podemos dizer que estudar é uma atividade de trabalho) nunca é neutro pode ser fonte de sofrimento psíquico e adoecimento, mas também pode ser fonte de saúde, prazer e afirmação da vida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a relação entre subjetividade, saúde mental e o processo ensino aprendizagem dos alunos/alunas do Curso de Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, no período das aulas remotas 2020/2021.

No início da pandemia da covid-19, a vida humana foi afetada de forma generalizada nos aspectos econômicos, ambientais, afetivos e educacionais. Nesse estudo privilegiamos os efeitos no campo educacional, mais especificamente as mudanças ocorridas no ensino superior de uma Instituição pública (UEPB). A pretensão foi analisar o impacto na saúde e aprendizagem dos estudantes do Curso de Pedagogia, após a suspensão das aulas presenciais e inserção do ensino remoto a partir de plataformas que muitos até então desconheciam. O processo foi atravessado por desafios e limitações tendo em vista a falta de acesso (por parte dos discentes) a smartphones compatíveis ou computadores, internet e o próprio espaço virtual, contribuíram para que enfrentassem dificuldades em participarem das aulas de forma atenta e concentrada.

Além dos problemas infraestruturais os estudantes vivenciaram dificuldades e limitações nas questões pedagógicas. Na percepção deles, as aulas remotas eram cansativas monótonas e desmotivadoras prejudicando a aprendizagem. As principais queixas apresentadas foram: desmotivação nas aulas on-line, dificuldades de concentração, problemas na visão causados pela saturação de tela, sobrecarga de atividades (gerando sentimento de impotência), dificuldades no manejo das ferramentas tecnológicas, monotonia nas salas de aula virtuais e falta de interação com os colegas e professores. Também foram identificados problemas em relação ao espaço da casa para assistirem às aulas, conversas paralelas, barulho de crianças e interferências da internet de baixa qualidade, quebrando a concentração e o ritmo de aprendizagem.

Importante observar que os estudantes ao relatarem suas vivências, apesar de falar das limitações do processo ensino-aprendizagem em relação à didática dos professores, as dificuldades que alguns apresentavam com as ferramentas tecnológicas, reconheciam os esforços dos docentes para superarem os desafios, reforçando em seus relatos que não poderiam ser responsabilizados pelos problemas emergentes na efetivação das aulas on-line.

Em relação à saúde mental os/as entrevistados/as alegaram ter vivenciado crises de ansiedade, insegurança, medo da morte e sofrimento em virtude das mortes de parentes, amigos e colegas. A maioria dos/as entrevistados/as, relataram vivências de sintomas similares

como: ansiedade, estresse, nervosismo, tremores, falta de ar, sentimentos, problemas para dormir, cansaço, dificuldade de concentração, desânimo e falta de motivação. Importante destacar que mesmo com sintomas semelhantes, cada entrevistado/a deu um significado diferente com base em suas próprias experiências e histórias de vida. Portanto, podemos afirmar que o sofrimento e/ou prazer vivido nesse processo é algo singular, pois “cada um sabe a dor e a delícia de ser” estudante universitário.

Em alguns depoimentos percebemos que continuar estudando no período pandêmico, ajudou a superar o cenário caótico, de forma que os estudantes buscavam tirar o foco do sofrimento concentrando-se nos estudos e atividades acadêmicas. Dessa forma, identificamos também que diante dos desafios e com muitas limitações, mobilizaram suas habilidades cognitivas, afetivas e criativas para darem conta das adversidades e dificuldades de adaptação as novas formas de aprender.

Em relação à construção e delineamento desse estudo, destacamos relevância para nossa formação como professora e também como pesquisadora. Mergulhamos em um universo rico de desafios e conhecimentos desde os momentos de leitura sobre o tema, passando pela fase de trabalho de campo e em todo percurso de escuta, transcrição das entrevistas e análises do material coletado. As entrevistas, possibilitaram vivenciar um espaço rico interação, de acolhimento e confiança. Momentos marcantes que entre lágrimas e sorrisos pudemos ouvir e compreender a realidade vivenciada por cada discente. O processo de análise dos dados também foi de muita aprendizagem. Dessa forma, mudamos nossa percepção, fizemos novas dobras do mundo. Temos um novo olhar sobre subjetividade, saúde, aprendizagem, e principalmente sobre a resiliência dos estudantes diante dos desafios e adversidades do contexto da época.

Essa pesquisa procurou compreender e refletir sobre o processo doloroso dos estudantes no período pandêmico em relação à mudança do ensino presencial para o remoto, em salas virtuais. Mas, também narra a superação, sensibilidade, sentimentos, emoções e prazeres vivenciados por eles em um cenário caótico e atípico. Refletimos que mesmo em um cenário de perdas e mortes, os estudantes pulsavam vida. Ousamos dizer que as pulsões de vida se sobrepuseram as pulsões da morte.

Finalizando gostaríamos de ressaltar a importância deste estudo como uma base sólida para orientar pesquisas futuras sobre a saúde mental dos estudantes universitários, colaborando na formulação de projetos que promovam a saúde mental como parte do processo de aprendizagem no espaço da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Milton. NEVES, Mary. Yale. Saúde, Gênero e Trabalho na Escola. In: Brito, J., Athayde, M. e Neves, M. Y. (orgs). **Saúde e Trabalho na Escola**. Rio de Janeiro. Cesteh/Ensp/Fiocruz, 1998, p. 23-35.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**/Laurence Bardin. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.
- BARROS, Regina Benevides. As Sutilezas dos Processos de Grupo e Formação na atualidade. In: Athayde, Milton et al (orgs). **Trabalhar na Escola? “Só inventando o prazer”**. Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA, 2001.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2004. 368 p. ISBN: 8502029002.
- CANGUILHEM, Georges. A saúde: conceito vulgar e questão filosófica. \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária**, p. 35-48, 2005.
- CANGUILHEM, Georges. **O Normal E O Patológico**. tradução de Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. - 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CARTA, DE OTTAWA. Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde. **Ottawa, novembro de**, 1986.
- CERCHIARI, Ednéia Albino Nunes; CAETANO, Dorgival; FACCENDA, Odival. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, p. 252-265, 2005.
- DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de empresas**, v. 33, p. 98-104, 1993.
- DEJOURS, Christophe. Por um novo conceito de saúde. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 14, n. 54, p. 7-11, 1986.
- \_\_\_\_\_; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica Do Trabalho: Contribuições Da Escola Dejouriana À Análise Da Relação Prazer, Sofrimento E Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- \_\_\_\_\_. Trabalho Vivo – Tomo I – **Sexualidade e Trabalho**. Paralelo, 15, 2012.
- DUNCAN, Bruce B. **Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas evidências**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022. 2250 p. 2 v.
- EIZIRIK, M. **Educação e escola: a aventura institucional**. Porto Alegre: Editora AGE. 2001.
- FACUNDES, Vera Lúcia Dutra; LUDERMIR, Ana Bernarda. Common mental disorders among health care students. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 27, p. 194-200, 2005.

FERREIRA, Berta Weil. Identidade Ideológica dos estudantes universitários. **Revista Educação – EdiPUCRS**, ano XIX, n. 30, p 99-105. Porto Alegre, 1996.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de Conhecer o Mundo. Relatos de uma Professora**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63ª ed.- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUNDIM, V. A. et al. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. **Revista baiana enferm.** 2021, 35, pp.1-14.

JUNG CG. **O Homem e seus símbolos: Concepção e organização de Carl G. Jung**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

LEE, Rita. **Saúde**. Composição: Rita Lee / Roberto de Carvalho, 1981. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/118834/>. Acessado em 12 de junho de 2023.

MENEZES, A. B. C., DELAGE, P., RIPARDO, R., & GOULART, P. **Reflexões sobre o retorno presencial: vozes da comunidade acadêmica (Cartilha)**. Belém, Pará, Brasil, 2020.

MOTA, Daniela, Cristina, Belchior et al. Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. **Ciência & saúde coletiva**, v. 26, p. 2159-2170, 2021.

NUNES, Ana Igenes Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Psicanálise e contextos de ensino aprendizagem. In:\_\_\_\_\_. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009. p.97-122.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4ª edição. São Paulo: Scipione, 1997.

PAPALIA, Diane E. & OLDS, S.W. **Desenvolvimento humano**, 7ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2000.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A teoria histórico-cultural da periodização do desenvolvimento psíquico como expressão do método materialista dialético. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice. Campinas SP: Autores Associados**, p. 63-90, 2016.

PERLS, F. S., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). Gestalt – Terapia. 3a. ed. São Paulo: Summus. **Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

RAMOS, D. M.; SALORTE, L. M. A. Percepções dos discentes matriculados no Ensino Remoto Emergencial (ERE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) quanto às ferramentas utilizadas: impactos no processo ensino-aprendizagem e na relação professor-aluno. In. Rodrigues, J. V. F. C. et al. **Ensino de graduação em tempos de pandemia:**

**experiências e oportunidades para uma educação tecnológica na Universidade Federal do Amazonas.** [recurso eletrônico]. Manaus: EDUA, 2021.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva histórico-cultural da Educação.** Edição 18ª, SP: Editora Vozes, 2001.

SON C, HEGDE S, SMITH A, et al. **Efeitos do Covid-19 na saúde mental de estudantes universitários nos Estados Unidos:** Estudo de pesquisa de entrevista. JMIR, 2020.

STANLEY, K. Realidade Somática: Experiência corporal e verdade emocional. **São Paulo: Summus,** 1994.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir.** Composição: Caetano Veloso/ Gilberto Gil/ Ivete Sangalo, 2012. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44719/>. Acessado em 02 de junho de 2023.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L, S. **Teoria e método em psicologia.** 2. ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1999.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WANG, C.; PAN, R.; WAN, X. et alC. Immediate Psychological Responses and Associated Factors during the Initial Stage of the, v. 17, n. 5, p. 1729, 2019. coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in china. **International Journal of Environmental Research and Public Health,** 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Constituição da Organização Mundial de Saúde. **OMS/WHO,** 1948.



## APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Diálogo sobre as aulas no formato remoto.

### 1. Perfil / Dados pessoais:

- Nome(opcional):
- Idade:
- Cidade que mora:
- Período que estuda atualmente:
- Já estudou no presencial, apenas remoto ou teve as duas experiências:
- Por que escolheu Pedagogia?

### 2. Entrevista / Questionário:

1. Você teve covid-19?
2. Teve perdas de pessoas próximas por covid?
3. Quais os impactos da pandemia em relação ao aspecto emocional ou psicológico?
4. Como você e sua família enfrentaram o período de isolamento social?
5. Em relação as aulas, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou durante esse processo de ensino remoto?
6. Em relação aos estudos, como era sua rotina durante esse tempo de isolamento.
7. Durante esse período pandêmico e com as aulas remotas, houve alguma mudança na sua forma de pensar, sentir e agir em relação ao seu processo de aprendizagem e a sua formação?
8. Você pode identificar os impactos positivos e negativos das aulas remotas no seu processo de aprendizagem e na sua formação docente?
9. Em relação a motivação para as aulas remotas, o que você tem a dizer?
10. Existia alguma atividade durante as aulas remotas lhe deixava mais instigado(a) e motivado(a) a aprender?

**PARA ALUNOS QUE SÓ VIVEU O ONLINE:**

11. Como você analisa a interação com os colegas e professores em uma sala de aula virtual?

**ÚLTIMA: Faça um relato da sua experiência como aluno durante O PERÍODO DE AULAS REMOTAS.**

**ALUNOS QUE ESTUDARAM NOS DOIS CENÁRIOS**

12. Você poderia identificar as diferenças do processo de aprendizagem durante as aulas remotas e durante o presencial?
13. Sobre a interação com o professor E COLEGAS, você poderia destacar as principais diferenças entre o ensino presencial e o ensino remoto?

**ÚLTIMA: Faça um relato da sua experiência como aluno durante O PERÍODO DE AULAS REMOTAS.**